

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## EU ENVELHEÇO! NÓS ENVELHECEREMOS! E AMPLIAMOS A COMPREENSÃO DE GÊNERO

I get old! We will get old! And we expand the understanding of genre

Ana Paula Genehr

Larissa Santana Leote

### Resumo

O trabalho desenvolvido na Associação Beneficente Pella Bethânia, uma instituição de longa permanência que presta serviço de assistência social de alta complexidade e está completando 125 anos de história em novembro de 2017, foi elaborado a fim de compreender e ampliar o pensamento de residentes sobre as relações de gênero. A partir de exposições orais de residentes a respeito do tema gênero, demos início aos diálogos e atividades realizadas. Questões envolvendo o que já sabiam sobre o assunto e como eram as relações no período que conviviam com seus familiares serviram de ponto de partida para entenderem como são as suas relações hoje nos lares em que moram e no convívio social, o que observam de mudanças e preconceitos existentes na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Gênero. Preconceito. Envelhecimento.

### Abstract

The work developed at Pella Bethânia Charity Association, an institution of long staying which provides services as social assistance of high complexity and it is completing 125 years of history in November of 2017, was elaborated in order to understand and expand the thoughts of the residents about genre relations. Through oral exposures by the residents about this topic, we began the dialogues and the accomplished activities. Questions involving what they already knew about the subject and how the relations used to be when they lived with their relatives served as a starting point to understand how their relations are nowadays in their homes and in their social life, what changes and prejudices they observe in the current society.

**Keywords:** Genre. Prejudice. Aging.

## Considerações Iniciais

Falar sobre gênero não é fácil, pois envolve diversos fatores, entre eles o preconceito e a discriminação. Então, ao desenvolver um projeto que aborda gênero no envelhecimento, assumimos um desafio muito grande, pois é um momento em que propomos quebrar paradigmas antigos que foram enraizados através dos ensinamentos familiares, culturais e históricos.

O Brasil é um país que caminha para se tornar um país de pessoas idosas, portanto, é preciso desenvolver diálogos que incluam e envolvam a sociedade nas discussões de crescimento e socialização.

Segundo Maria Cristina Hoffman:

O Brasil vai ocupar o sexto lugar no contingente de idosos em 2025, com uma projeção de aproximadamente 32 milhões de pessoas com 60 anos. Eu costumo dizer que nós estamos, inclusive, superando as projeções do IBGE. Isso é uma coisa muito interessante, porque 13%, numa projeção feita em 2010, estava projetado para o ano de 2020, mais ou menos. Em 2014 nós já alcançamos esse percentual<sup>1</sup>.

Pensando nessas projeções do IBGE citadas por Hoffman, acreditamos que é a hora de pensar na qualidade de vida desta população que está surgindo e destacar a importância das instituições de longa permanência, pois a procura dos familiares pelas mesmas tende a aumentar, observando a qualidade de vida da pessoa idosa. Dessa forma, é importante que cada um tenha a sua individualidade preservada, mas sentir-se-á melhor se estiver incluído em uma sociedade pensante, que preserva a sua história e o ajuda a estabelecer novos conceitos sobre temas atuais da sociedade. Com base nesse pensamento decidimos trabalhar o tema gênero no envelhecimento, buscando compreender o passado, analisar o presente e estabelecer novos conceitos para o futuro, através de uma associação do olhar jovem, das manifestações sociais e da geração sênior.

O projeto “Eu envelheço! Nós envelheceremos! E ampliamos a compreensão de gênero”, apoiado pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), foi desenvolvido na instituição Pella Bethânia, a qual atende pessoas com e sem deficiências a partir dos 18 anos e pessoas

---

<sup>1</sup> HOFFMAN, Maria Cristina. *Envelhecimento: Brasil - um país de idosos?* - Bloco 1. 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/526954-ENVELHECIMENTO-BRASIL---UM-PAIS-DE-IDOSOS-BLOCO-1.html>>. Acesso em: 09 set. 2017.

idosas; possui 168 residentes de “71 municípios do Rio Grande do Sul e 2 municípios de Santa Catarina”<sup>2</sup>; 102 trabalhadoras e 18 trabalhadores.

### **Pensamento inicial**

O projeto teve início com os funcionários da instituição, através de oficinas e seminários realizados com a equipe de coordenação. Nos encontros ocorreram atividades de conscientização sobre a importância do cuidado e da prevenção, com destaque para o Outubro Rosa, o Novembro Azul e a Semana de Prevenção do HIV. Contudo, sentimos que o projeto não estava completo, pois não havia incluído os residentes e as residentes que são parte fundamental da instituição, então resolvemos incluí-los através da oficina de ensino e aprendizagem, que é realizada semanalmente e está incorporada ao projeto “Convivendo e Aprendendo com Alegria”, o qual contempla 26 oficinas semanais, que são desenvolvidas na instituição por profissionais de diferentes áreas, envolvendo esporte, teatro, dança, ensino, horta, canto, informática, paisagismo, culinária, artesanato e entretenimento.

### **Dialogando com residentes**

Através de muito diálogo, de fato demos início a um projeto de inclusão, que envolveu todos os residentes e as residentes, em grupos alternados nos lares e encontros coletivos no centro de convivência. Além das exposições orais em grupos, alguns diálogos individuais também ocorreram; tudo pensado para o entendimento de como era a visão de gênero dos residentes e das residentes de diferentes faixas etárias. O objetivo dessas exposições orais nos grupos e individuais foi compreender se apresentavam algum tipo de preconceito em seus relacionamentos sociais e pessoais e se estavam dispostos a estabelecer um diálogo que os possibilitasse perceber que o seu pensamento estava equivocado. Respeitando a individualidade de cada pessoa, pois devemos conviver em harmonia, foram utilizadas diferentes técnicas para chegar ao objetivo inicial. Nossas atividades envolveram músicas, produções artísticas, leituras, pesquisa de lei, conversas e produções escritas.

Inicialmente, foi possível perceber que o preconceito envolvendo as relações de gênero era latente e que faziam fortes afirmações discriminatórias, principalmente sobre o

---

<sup>2</sup> Curiosidades sobre quem mora na Pella Bethânia: REVISTA PELLA BETHÂNIA. *Histórias, laços de carinho, amor e caridade*. Taquari, v. 1, 2014.

que era permitido ao homem e o que era permitido à mulher no que diz respeito a profissões e a forma de se vestir.

Em uma das conversas, os residentes e as residentes foram questionados sobre a existência da cor feminina e da cor masculina. Logo veio a resposta afirmativa: que o azul é cor de menino e o rosa é cor de menina, o que não foi uma surpresa, pois historicamente a sociedade nos impõe esse paradigma. Ficou evidenciado que não distinguem a diferença de gênero e sexo, o que nos remete ao conceito de Anna Claudia D’Andrea e Paulo Henrique Nogueira a respeito de sexo e gênero, pois os autores afirmam haver diferentes padrões associados a ser homem ou ser mulher, porém sexo e gênero são duas coisas distintas e que, ao mesmo tempo, estão intimamente interligadas<sup>3</sup>.

Quando uma pessoa faz ultrassom e o médico fala ‘é uma menina’, em que ele está se baseando? Ele está se baseando em uma característica biológica que é possível perceber no exame. Essa característica biológica é o sexo. A família da criança vai para casa e começa a comprar enxovais das cores rosa, lilás e assim por diante. Nesse momento, em que se associam cores e padrões ao sexo biologicamente dado, estamos falando de uma questão cultural e social, ou seja, de relação de gênero<sup>4</sup>.

Posteriormente, os residentes e as residentes foram questionados em relação às profissões destinadas a mulheres e a homens. As respostas foram cozinheira, faxineira, costureira, artesã, doméstica, enfermeira, professora, babá, cuidadora e do lar, fazendo referência a profissões femininas; e motorista, médico, pedreiro, carpinteiro, advogado, administrador, professor, músico e policial, em relação às profissões masculinas. As respostas dadas nos permitiram ampliar os questionamentos para a evolução do diálogo, pois assim que as respostas foram socializadas, ouviram um “sim, muito bem”, mas em seguida já receberam as seguintes indagações:

“Quem está na direção da instituição Pella Bethânia?” Resposta: “A Pastora”. “Quem os leva ao dentista de carro?” Resposta: “A enfermeira”. “Quem dá aula de canto aqui no Pella Bethânia?” Resposta: “A professora de canto”. “Quem é responsável pelo almoçarifado?” Resposta: “A almozarife”. “Quem faz o atendimento médico às quartas e quintas-feiras?” Resposta: “A Doutora”.

<sup>3</sup> D’ANDREA, Anna Claudia Eutrópio B.; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. Juventudes, sexualidade e relações de gênero. In: CORREA, Lycinia Maria (Org.). *Projeto Diálogos com o Ensino Médio: Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador*. Belo Horizonte, 2012.

<sup>4</sup> D’ANDREA; NOGUEIRA, 2012, p. 21.

Após essas indagações e respostas, nossos residentes foram convidados a refletir novamente: mas cargos administrativos, motorista, músico e médico não são profissões de homens? Resposta: “Não são coisas que só homens podem fazer”. Depois de uma pausa, veio a primeira percepção: “É, realmente ocorreram algumas mudanças”. Então, novamente houve o momento de questionar: “Que mudanças?” Resposta: “As mulheres conquistaram mais espaço e hoje já fazem coisas que só os homens faziam”. Com base nessas compreensões evolutivas observadas através das respostas, continuamos a conversa, indagando outra vez a questão da cor com a seguinte colocação: se uma menina vestir uma camiseta azul deixará de ser menina? Se um menino vestir uma camisa rosa deixará de ser menino? Nesse momento aproveitamos para trazer imagens de pessoas conhecidas da mídia com roupas das referidas cores para fazer a ligação e as assimilações serem de mais fácil entendimento. Novamente foi possível perceber que estavam refletindo sobre as suas convicções e repensando as diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres, que têm como causa as relações de gênero construídas e enraizadas culturalmente.

Para dar seguimento à proposta de trabalho envolvendo a temática gênero, foram oferecidos desenhos para pintura. Os desenhos eram bonecas e carrinhos, e a escolha pela pintura foi livre. Logo as mulheres pegaram as bonecas e os homens os carros, sendo permitido que os mesmos pintassem seus desenhos como achassem melhor. Neste momento uma residente falou: “eu pinte a roupa da minha boneca de azul, porque ela pode usar roupa azul, não tem nada a ver”. Assim que todos terminaram a tarefa da pintura, o seguinte questionamento foi realizado: “Por que as mulheres não pintaram carros?” Muitas afirmaram que carros são pinturas de homens.

Posteriormente a essas constatações, estabelecemos um novo diálogo, mostrando que meninas que brincam com carros podem ser boas motoristas e que hoje muitas mulheres dirigem, e não somente carros e motos, mas muitas exercem a profissão de motorista de ônibus, caminhões e carretas. E em relação aos meninos que brincam com uma boneca, estes podem ser bons pais futuramente, poderão dividir as atividades domésticas com as esposas. O mesmo pensamento se dá ao fato de meninos brincarem com panelinhas, pois além de ajudarem suas esposas, podem se tornar bons cozinheiros e chefes de cozinha.

Aproveitando a conversação envolvendo o ato de cozinhar, os residentes e as residentes foram questionadas sobre quem participa das oficinas de culinária oferecidas na instituição Pella Bethânia. Logo, vários homens levantaram a mão e novamente

aproveitamos a oportunidade para questioná-los: “E os homens gostam de cozinhar?” Foi possível notar que um novo horizonte se abria, os olhares já não demonstravam tanto preconceito. Como exemplo podemos citar o relato de uma senhora de 63 anos de idade, que vive na instituição há 47 anos. Quando questionada a respeito de as mulheres trabalharem fora, ela afirma: “Antes as mulheres não trabalhavam fora, só ficavam em casa cuidando dos filhos”. É importante abordar que a residente interrompe a conversa para falar: “Eu prefiro que chame de senhoras e não de mulheres”, e segue o seu relato: “Hoje as senhoras já conquistaram muitos direitos, antigamente as vestimentas eram diferentes, só era permitido o uso de saias e vestidos longos, não era permitido o uso de bermudas e saias curtas, dentro de casa era o homem que mandava, e as senhoras só tinham que obedecer as regras, pois não tinham renda”.

Durante a execução do projeto também trabalhamos os preconceitos encontrados em relação ao gênero em algumas músicas, desde o universo infantil até as tradicionalistas. Essa parte foi feita separadamente nos lares e, no lar Samuel, foi possível perceber o engajamento das mulheres e a felicidade de estarem tendo a oportunidade de debater essas questões. O lar Samuel é composto por 15 mulheres jovens, onde as idades variam entre 22 a 55 anos. Muitas destacaram que já tinham percebido o preconceito nas músicas de funk, destacando a conhecida “Um Tapinha não dói” (uma música do funk carioca de autoria do MC Naldinho e melodia do DJ Dennis; a mesma foi gravada por Naldinho e Bela para o álbum Furacão 2000), que foi um dos sucessos mais tocados na época em todas as rádios, porém afirmaram não ter percebido o preconceito em outras músicas. Então, com base nas ideias propostas através da leitura da cartilha *Criatidade pela justiça de Gênero*<sup>5</sup>, colocamos as seguintes músicas para as residentes ouvirem: “Ajoelha e chora, do grupo Tchê Garotos, Entre tapas e beijos, da dupla Leandro e Leonardo e Ai se eu te pego, do sertanejo Michel Teló”<sup>6</sup>. Aproveitando o clima musical, cantamos “Sapo Cururu”, uma música infantil popular e muito antiga, cantada e reproduzida por diversos artistas.

Após a audição das canções e comentários a respeito das letras, a indignação era visível, o que fica claro com base na seguinte fala de uma das residentes: “Esta é uma forma

---

<sup>5</sup> STEFFEN, Luciana. Análise de gênero através da música. *Cartilha Criatidade pela justiça de gênero*. São Leopoldo, 2016.

<sup>6</sup> STEFFEN, 2016.

de preconceito estúpida e que vem disfarçada em um ritmo musical; você acaba cantando sem nem perceber que está degredando a sua própria imagem enquanto mulher”.

A fim de obtermos um registro escrito a partir dos comentários orais sobre as letras das canções, sugerimos a construção de um texto que expusesse o que entenderam do trabalho realizado. Dentre as produções realizadas, recebemos o seguinte texto de uma residente:

### **Gênero e Sexualidade**

O ser humano é definido por homem e mulher, entre os quais muitas diferenças ainda existem. Como no tempo de nossos avós; em que o pai era o maior indivíduo da família; sendo que colocava a mulher em segunda colocação, longe da verdadeira realidade de mulher e mãe.

Hoje a sociedade mudou muito, mas ainda há discriminação à mulher; como as canções de diversas raízes; de depreciação a figura da mãe e mulher. Músicas como: “Ajoelha e chora”, Tapas e beijos” e “Tapinha não dói”.

Embora existam formas de preconceito, também há uma maneira de olhar a realidade do tempo no seio da família que sustenta; agora há fortes traços de uma balança de igualdades. Podemos citar a conquista da mulher de dirigir; votar, outro exemplo, a Lei Maria da Penha e até chegar à presidência da república.

A verdade é que o mundo já mudou e continua em transformação.

“Pensamos neste e vivamos a situação de um mundo comum, a todos, de todas as formas de vivência respeitando tudo que seja humano”.

Dando seguimento ao projeto, em uma atividade no Centro de Convivência, um grande grupo foi questionado sobre assuntos que envolvem mais precisamente a violência em relação às mulheres. Se as mulheres já sofreram preconceito, se ainda sofrem, se passaram por agressões físicas, se ainda acontece isso nos dias de hoje, quais os tipos de agressões aconteciam com as mulheres e se existe alguma lei que as protege, foram algumas das indagações.

Muitos citaram que conheciam mulheres que sofreram algum tipo de violência, alguns destacaram casos que ocorreram em suas residências e até mesmo se emocionaram ao falar sobre o assunto, pois relembrou as marcas deixadas pela violência de pais, irmãos e padrastos. Uma residente fez o seguinte relato: “Minha mãe era agredida diariamente pelo



meu pai que era alcoólatra, mas o que ela podia fazer? Tinha um monte de filhos e não trabalhava fora, não tinha como nos sustentar, sem contar que naquele tempo mulher separada não era bem vista pela sociedade, eram conhecidas como as largadas da vida, e não existia nenhuma lei que protegesse as mulheres”.

Perguntamos se todos conheciam a Lei Maria da Penha e, de forma geral, todos sabiam da sua existência, tinham ouvido falar no rádio, na televisão ou lido algo no jornal a respeito; então foram questionados sobre o porquê da existência desta lei e o que ela falava. Alguns sabiam que ela existia para proteger as mulheres das agressões dos maridos e que foi criada após uma mulher ser agredida, porém desconheciam o conteúdo da mesma. Dessa forma, a fim de que tal conteúdo fosse compartilhado entre os residentes e as residentes, realizamos uma pesquisa na internet para ler a lei na íntegra. Neste momento, foi possível saber que a lei foi criada em 07 de agosto de 2006, após o Brasil ter sido condenado por negligência e omissão em relação ao caso de violência doméstica contra a senhora Maria da Penha Maia Fernandes. Maria da Penha lutou durante décadas pela punição do ex-marido, que estava em liberdade depois de ter tentado matá-la com um tiro, deixando-a paraplégica. Devido ao descaso do nosso país frente ao caso, a “Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos condenou o Brasil, e a lei entrou em vigor na data já mencionada com o número 11.340.”<sup>7</sup>

Realizada a leitura da lei e os comentários sobre a mesma, demos sequência a nossas conversas nos lares, em grupos menores, para saber como eram os relacionamentos familiares e os casamentos. Neste momento nos deparamos com realidades ímpares, já que alguns tinham sido muito felizes e outros carregam até hoje marcas deixadas pela violência doméstica, pelo machismo e pelo preconceito.

Uma residente de 60 anos nos relatou: “A dor ainda é tão grande que não consigo falar sobre casamento, meu casamento me causa dor até hoje. Meu marido era um carrasco, alcoólatra e violento. Casei cheia de sonhos e expectativas, mas não foi a realidade que encontrei, ele não me deixava trabalhar fora e era muito machista, não juntava uma colher que caía no chão, me sobrecarregava”. Por outro lado, encontramos uma residente que sente muita falta do esposo: “Ele era muito carinhoso, amoroso comigo e com os filhos, nós construímos uma família linda, se um dos dois estava triste, conversávamos e resolvíamos, é

---

<sup>7</sup> BRASIL. *Lei Maria da Penha*. Lei nº 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.



uma pena que partiu muito cedo, com 55 anos, se ele estivesse vivo tenho certeza de que ainda seríamos felizes. Vejo que hoje os casamentos não duram, porque ninguém está disposto a ceder, não são companheiros, mas não era o nosso caso, eu o ajudava nos serviços da roça e ele me ajudava em casa com as crianças”. Também observamos relatos de alguns homens que sofreram com a violência dos pais, dizendo que “há homens que se acham machões porque são fortes, mas isso é errado, é preciso existir o respeito entre todos”.

Após todos os diálogos, pesquisas e escritas, perguntamos qual imagem definiria homens e mulheres, e muitos pediram para pintar os dois juntos, caminhando lado a lado na mesma direção, sem nenhum preconceito ou discriminação.

### **Considerações Finais**

É com grande satisfação que concluímos o nosso trabalho, observando que o assunto desenvolvido alcançou muitos dos objetivos iniciais, dentre eles estabelecer um diálogo sobre o tema gênero, favorecer espaços de socialização de ideias e vivências.

Foi possível perceber que a compreensão e a ampliação dos conhecimentos envolvendo as relações de gênero aconteceram, e muitos dos envolvidos entenderam que a igualdade entre homens e mulheres não é uma tarefa fácil, pois esbarramos com um poder pensado há séculos e séculos pelos homens e para os homens, porém, é um caminho trilhado há algum tempo e que já obteve inúmeras conquistas. Por isso, concluímos que a questão de gênero ainda é algo que precisa ser ampliado, constantemente trabalhado e lembrado em toda a sociedade, pois a discriminação está enraizada no pensamento das pessoas de modo geral.

Através das reflexões realizadas nas oficinas é possível dizer que os residentes e as residentes já demonstram outro pensamento em relação ao tema, sendo este um trabalho muito positivo. A instituição Pella Bethânia, juntamente com as idealizadoras do projeto, resolveu ampliar a pesquisa e continuar desenvolvendo oficinas que promovam as discussões sobre o assunto. Portanto, o tema continuará sendo trabalhado em todas as oficinas do projeto Convivendo e Aprendendo com Alegria, buscando a compreensão e a ampliação dos conhecimentos sobre as relações de gênero, bem como a convivência harmônica entre os residentes e as residentes para assim progredir e desenvolver o potencial desta nova geração que está surgindo, a geração sênior, que, através das suas

vivências, ideias e constatações, tem muito a somar para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana e igualitária.

## Referências

BRASIL. *Lei Maria da Penha*. Lei nº 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

D'ANDREA, Anna Claudia Eutrópio B.; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. Juventudes, sexualidade e relações de gênero. In: CORREA, Licia Maria (Org.). *Projeto Diálogos com o Ensino Médio: Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador*. Belo Horizonte, 2012.

HOFFMAN, Maria Cristina. *Envelhecimento: Brasil - um país de idosos?* - Bloco 1. 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/526954-ENVELHECIMENTO-BRASIL---UM-PAIS-DE-IDOSOS-BLOCO-1.html>>. Acesso em: 09 set. 2017.

REVISTA PELLA BETHÂNIA. *Histórias, laços de carinho, amor e caridade*. Taquari, v. 1, 2014.

STEFFEN, Luciana. Análise de gênero através da música. *Cartilha Criatividade pela justiça de gênero*. São Leopoldo, 2016.

## Anexos



Diálogo no Centro de Convivência



Atividades envolvendo pintura de desenho no Lar Maria Haeting



Diálogo no Lar Samuel

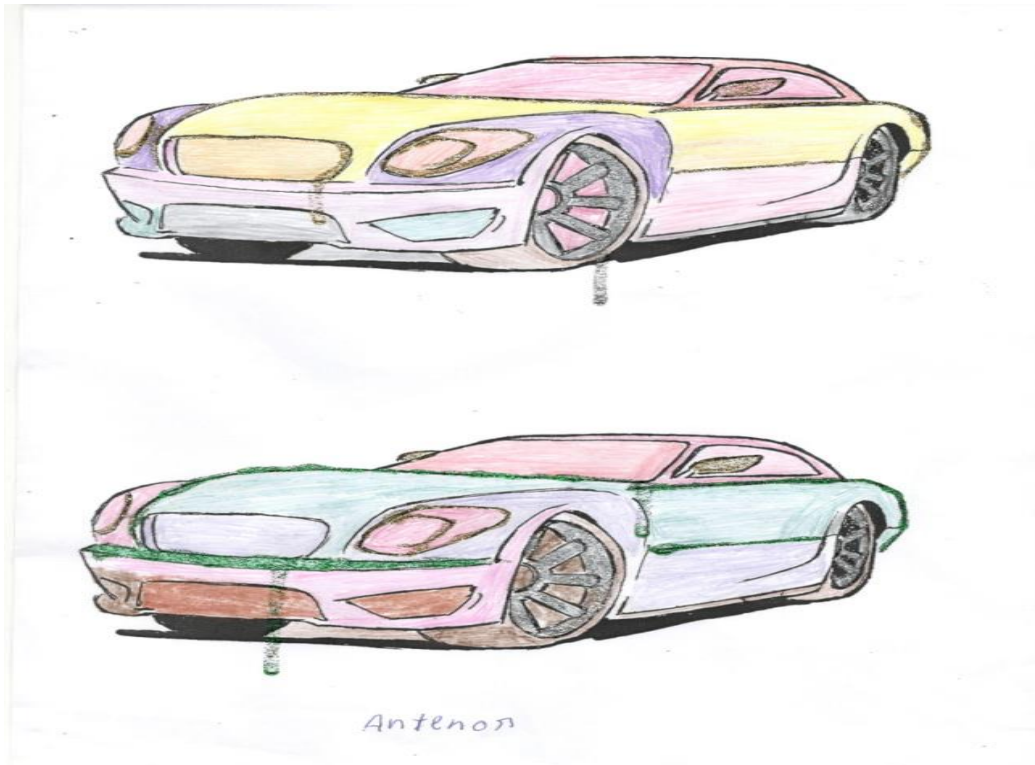




Diálogo no Lar Nazaré



Atividades envolvendo pintura de desenho no Lar Listra



Primeira pintura citada no artigo



Primeira pintura citada no artigo



Última pintura citada no artigo